

1968
Maio de Paris e Primavera de Praga
Homens em tempos sobrios e teologia da libertação



Maio 68 em França
Concretizada a União Aduaneira na CEE
Jugulada a Primavera de Praga
Assassinatos de Robert Kennedy e Luther King
Vitória de Nixon
Ofensiva do Tet no Vietname do Sul
Vitória de Nixon
CNUCED II em Nova Delhi
A queda de Salazar e a Primavera de Marcello
Caetano, ou a impossível renovação na continuidade

A chamada *doença da prosperidade* da sociedade de consumo manifesta através de sucessivas revoltas estudantis, com destaque para o processo da universidade de Nanterre em Paris (22-03-1968), que vai desencadear o chamado *Maio 1968*, num tempo de *men in dark time* (Arendt, 1968), quando AMITAI ETZIONI publica *The Active Society*, Arend Lijphart, analisando o pluralismo holandês, reflecte sobre *The Politics of Accomodation*, e LEO STRAUSS teoriza o *Liberalism Ancient and Modern*, quando em França, JEAN-WILLIAM LAPIERRE edita *Essai sur les Fondements du Pouvoir Politique*. Nesse mesmo ano realiza-se a Conferência de Medellin do episcopado sul-americano, onde, invocando-se a libertação, a promoção do homem e o desenvolvimento integral, se criticam os pecados sociais da violência institucionalizada e da dependência. É então que o padre GUSTAVO GUTIERREZ inventa a fórmula *teologia da libertação*.

♦Este movimento teológico católico tem paralelo com o movimento protestante da *teologia da esperança* e dele deriva o processo da *teologia da revolução*, de carácter marxista, marcante nos anos setenta. A *teologia da revolução* defende a conciliação entre o catolicismo e o marxismo e que leva alguns a considerar o guerrilheiro como um jesuíta da guerra, enquanto FREI BETO declara que *um cristão é um comunista, mesmo que o não queira* e que *um comunista é um cristão, mesmo que não creia*. Mas a teologia da libertação é um movimento bem mais amplo que passa pelas obras de JÜRGEN MOLTSMANN, METZ, HARVEY COX, sendo incrementada a partir do Maio de 68 como uma *teologia para a revolução*, onde o *reino de Deus* passa a ser considerado como *a revolução de todas as revoluções* (Helmut Gollwitzer) ou como *a salvação da revolução* (Jürgen Moltmann), opondo-se à *teologia do desenvolvimento* e superando a *teologia dita da impugnação*. Contudo, tal *teologia da libertação* acaba por ceder face a uma *teologia da violência*, em oposição aos que defendem uma ética da não violência.

